

Características da dominação no patriarcado

vol.1

Daniela Alvares Beskow

Caderno de textos Palavra e Meia

n.1

Março de 2017

Palavra e Meia

Caderno de Textos Palavra e Meia é uma publicação do site Palavra e Meia. Destina-se a dar vazão à textos de caráter analítico e ensaístico - alguns com características de artigo, outros com caráter de manifesto, de coluna, ou mais informal - de tamanho curto e médio da autora Daniela Alvares Beskow. O objetivo é circular conteúdo de pesquisas em andamento, reflexões sobre momentos históricos atuais e passados e questões para debate. Alguns desses textos serão futuramente desenvolvidos em livros ou capítulos de livros.

Ficha Técnica

Caderno de Textos Palavra e Meia
Coordenação geral: Palavra e Meia/Daniela Alvares Beskow
www.palavraemeia.com

Beskow, Daniela Alvares.
Caderno de Textos *n.1 Características da dominação no patriarcado. Vol.1/ Daniela Alvares Beskow. -1. ed. Campinas, São Paulo. 2017*

1. Ciência política 2. Patriarcado 3. Violência 4. Brasil 5. Beskow, Daniela Alvares

Publicação digital

Disponível em www.palavraemeia.com

Março de 2017

Palavra e Meia

Sobre a autora

Daniela Alvares Beskow, 33 é bacharel em Ciências Políticas (Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2006), licenciada em Ciências Sociais (Unicamp, 2007), bacharel em Comunicação das Artes do Corpo, habilitação em Dança (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PucSp), 2013). Atualmente é mestranda em Artes Cênicas (Universidade Estadual Paulista (Unesp) 2015-2017).

Escritora e artista da dança e das linguagens cênicas.

Como escritora, o início de sua trajetória é marcado por publicações em zines, individuais, em grupo e como integrante de movimentos sociais (2001-2007) e na revista estudantil Cacheiros Viajantes do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp (2004).

Posteriormente publicou na revista digital Casuística (org. Daniel Dalmoro) (2012). Publicou ensaios e colunas no seu site (2011-2015) e nos sites do Coletivo de Comunicadores Populares (Campinas-Sp) (2011) e Passa Palavra (2009). Publica no site Palavra e Meia, coordenado pela autora, a partir de abril de 2016. O site Palavra e Meia publica também material escrito de convidadas.

Publicou capítulos nos seguintes livros: “Corpo-Mídia” no livro “Ideias Perigozas” (2010, Descentro. Org. Fabiane Borges) e “Vozes sobre o momento atual: junho e pós junho de 2013 em Campinas” no livro “As rebeliões da tarifa e as jornadas de junho de 2013 no Brasil” (2014, Deriva. Org. Cassio Brancaleone e Daniel de Bem).

Publicou o ensaio ““Brasil desde un punto de vista feminista hoy” na revista Escucharnos Decir: Feminismos populares en America Latina. (Junho/2016. Org. Colectivo Minervas y Mujeres en Lucha)

Apresentou o ensaio “Oito Pontos sobre a Horizontalidade” no Encontro Sociedade e Comunicação (ESC) (2011. Unicamp, Campinas-Sp) – inspirado no modelo anarquista de gestão das rádios livres e publicado em formato digital no site Palavra e Meia em novembro de 2016. Escreveu inúmeros textos ainda não publicados, dentre eles, o ensaio “O tal do ressentimento ou quem tem medo do feminismo?” (2009); o artigo “O transeunte como proponente da ação artística no contexto de passividade do espaço urbano” (2015); “Direção teatral na cidade de São Paulo: panorama e propostas para a igualdade de gênero” (2016); e o livro de poemas infantis “O tempo do dia” (2014). Alguns livros estão em andamento: “Cartas para Andreas”, “Violência, patriarcado e resistência”, e outros. Escreveu inúmeros textos, reflexões, poemas e ensaios escritos ao longo dos últimos anos, ainda não publicados.

Como graduanda em Comunicação das Artes do Corpo realizou a pesquisa de iniciação científica, como bolsista Fapesp, “O Espaço Teatral entendido a partir da Teoria Geral dos Sistemas” (2013). Sua monografia de conclusão do curso de Comunicação das Artes do Corpo teve como tema “Em Trânsito: Uma análise da relação entre público e artista no teatro que acontece na rua a

partir da Teoria Geral dos Sistemas: Sujeito, objeto, complexidade e trama na cidade a partir de uma escrita criadora.” (2013). Ambas tiveram orientação do Prof. Dr. Jorge de Albuquerque Vieira, a partir de debate entre as áreas da ciência, filosofia e artes.

Como mestranda está finalizando a pesquisa, como bolsista Capes, sobre dramaturgia cênica a partir de uma perspectiva feminista e mulheres em cena na cidade de São Paulo nos anos de 2015 e 2016, sob a orientação da Profa. Dra. Lúcia Regina Vieira Romano.

Atualmente escreve a partir principalmente da pesquisa sobre epistemologia e feminismos materialista, marxista, radical e lésbico, a partir da interação com outros pensamentos.

Seus escritos vem também da atuação em movimentos sociais nas áreas de comunicação, feminismo e artes cênicas desde o ano 2000.

Contato: dab@inventati.org

Índice

6 Prefácio

- 7 1. Dominação do espaço sonoro*
- 10 2. Dominação do espaço físico*
- 13 3. Homens observam mulheres*

Prefácio

Este primeiro volume de “Características da dominação no patriarcado”, que é também a primeira edição do Caderno de Textos Palavra e Meia, é o início do compartilhamento de ideias sobre o assunto. Outros volumes serão lançados e ideias serão trocadas com outras pesquisadoras de forma a adensar as análises, com o objetivo de continuar desenvolvendo reflexões sobre o tema e fomentar o debate.

O objetivo é pensar os conceitos de patriarcado, violência, transformação e liberdade a partir do encontro com algumas áreas: ciência política, feminismos de base materialista, filosofia, história e outras.

1. Dominação do espaço sonoro

Fique em silêncio e observe. Quem fala no espaço coletivo? Quem grita no espaço coletivo? Quem coloca música alta no espaço coletivo? Quem é ouvido no espaço coletivo?

Basta apenas um pouco de observação dos espaços coletivos, ou seja, dos espaços compartilhados - aqueles onde há mais de uma pessoa, seja ele no âmbito público ou privado – em especial os compartilhados por homens e mulheres ao mesmo tempo, para que se chegue à uma rápida constatação: homens dominam o espaço sonoro desses espaços físicos.

O primeiro dado é que, não importa a situação, mulheres falam mais baixo e homens falam mais alto. Obviamente que essas situações variam em função dos estados brasileiros e da cultura associada à cada um deles. Aquele dado leva à outra constatação, a de que há significados distintos atribuídos ao falar alto vindo de homens ou de mulheres. Mulheres que falam alto em espaços compartilhados, são consideradas escandalosas, agressivas, excessivas. Homens que falam alto em espaços públicos não são considerados nada. É simplesmente “normal”, passar ao lado de um bar em dia de futebol e ver montes de homens gritando juntos ou um homem em espaço de trabalho falando alto com outro homem, para por exemplo, pedir um favor. Homens que trabalham na rua comentando coisas cotidianas de um lado da rua até o outro. A voz dos homens corta o espaço sonoro de ponta a ponta sem que haja questionamento sobre isso. Há um ar de “naturalidade” em ouvir homens falando alto nos espaços públicos e um ar de “anormalidade” em ouvir mulheres falando alto nesses mesmos espaços.

Homens falando alto nos espaços públicos implica em que as vozes dos homens estão constantemente sendo ouvidas e em razão inversamente proporcional as vozes das mulheres são menos ouvidas. Uma das consequências dessa realidade é a de que homens se sentem sempre no direito de falar e serem ouvidos e mulheres não encontram uma realidade que corresponda à materialidade de dar vazão à seus discursos e manifestações sonoras nos espaços compartilhados. O patriarcado gera homens com autoestima super elevada e mulheres com baixa autoestima.

Associado às interpretações sobre homens e mulheres que falam nos espaços públicos, essa situação se agrava. Mulheres, além de ouvirem poucas mulheres falando alto, falando de forma incisiva ou enfática nos espaços compartilhados e de terem sua autoestima não fomentada para tal, quando o fazem, são classificadas como loucas, agressivas, escandalosas, excessivas. Ao mesmo tempo, homens falando nesses mesmos espaços estão apenas dentro da normalidade patriarcal e além, quando comemoram falando alto, são considerados engraçados, ou quando falam alto são considerados decididos e determinados. Ou seja, quando mulheres falam alto, são classificadas de forma negativa. Quando homens falam alto, em muitas situações, são classificados de forma positiva.

O falar alto muitas vezes se transforma em gritos. Novamente, o fato de homens gritando entre si, por exemplo, em uma briga, é considerado como parte da normalidade, pois, o patriarcado estabelece uma relação necessária entre homens e masculinidade e faz parte da noção de masculinidade, gritar. O grito, vindo do homem, tem várias nuances. Nem sempre é considerado agressivo, já que, simplesmente “faz parte” do homem falar alto. Uma comemoração pode ser feita aos berros sem que haja nenhum estranhamento social sobre isso. Uma conversa amigável pode ser feita aos gritos e gargalhadas. Do outro lado, mulheres que falam alto no espaço público já causa grande estranhamento, quem dirá as que gritam. São tomadas como histéricas. Aliás, “histérica” é um adjetivo utilizado para denominar mulheres em vários contextos, no imaginário social do

patriarcado. Esse adjetivo é utilizado para desqualificar mulheres em inúmeras situações, geralmente aquelas onde mulheres manifestam sua opinião de forma assertiva. Na falta de argumentos, em muitas situações os homens desqualificam o argumento oposto ao seu, através da qualificação negativa da mulher como “histérica”.

É de extrema importância refletir sobre a dominação do espaço sonoro, já que, uma das manifestações da ação política – a fala – é monopolizada pelos homens no patriarcado. Essa é, aliás, uma das definições de patriarcado: o regime social e político onde as mulheres estão fora dos espaços de decisão, tanto na política formal quanto na política cotidiana. A ação política é constituída de pessoas que se manifestam nos espaços coletivos, seja através da fala, da escrita, ou de qualquer forma de comunicação. Pensemos na fala como o meio dominante através do qual se faz política. Mulheres estarem fora dos espaços de decisão coletiva significa que sua voz, sua fala não é considerada socialmente relevante. Política é aquela que ocorre nos espaços formais: parlamentos, congressos, tribunas, etc, e a que ocorre nos espaços cotidianos, que são todos os espaços onde são tomadas decisões referentes ao coletivo. Estar em coletivo é, inevitavelmente fazer política, já que, decisões sobre os rumos de um coletivo são tomadas o tempo todo. É preciso tomar decisões para se viver em coletivo. Política formal e cotidiana, macro e micro política estão interligadas. No patriarcado, a mulher tem pouca ou nenhuma voz nos espaços de tomada de decisão coletiva. E quando tentativas se consolidam em práticas, além de toda a dificuldade para chegar nesses espaços, há sempre inúmeras tentativas de sufocar essa atuação. Vide o golpe misógino vivido no Brasil atualmente. E quando tentativas se consolidam, são apagadas historicamente, não sendo lembradas ou não sendo ensinadas nos livros, nas escolas ou lembradas e colocadas como exemplo na memória coletiva.

Uma das situações mais simbólicas desse contexto é aquela onde ocorre agressão verbal com teor sexual por parte do homem contra a mulher, no espaço público. A situação, todas e todos conhecemos: uma mulher está na rua, transitando pelo espaço público. Ocorre a proximidade física dessa mulher com um homem ou apenas o contato visual e a constatação da presença dessa mulher, pelo homem, no mesmo espaço, quando por exemplo, uma pessoa passa na frente da outra. Então, o homem manifesta verbalmente seus pensamentos e opiniões sobre essa mulher, com teor erotizado e invasivo, já que completamente descontextualizado e sem que haja um consenso sobre aquela situação. Essa manifestação verbal é realizada de duas formas: direcionada ao grupo de homens onde se encontra; ou então direcionada para que a mulher o escute. Nessa segunda situação a agressão verbal se dá ou em volume alto, de forma que não apenas a mulher mas, todos ao seu redor, escutem a agressão, ou então, de forma que apenas a mulher escute, em volume baixo. Na esmagadora maioria dos casos, caso a mulher reaja a agressão, ela é novamente agredida com mais adjetivos de teor erótico ou agressões físicas e ameaças das mais variadas. O resumo da análise dessa situação é a seguinte: a mulher, não somente é impedida e desvalorizada de participar como agente do discurso político na sociedade, como também, é diminuída a sujeito passivo da agressão sexual cometida pelo homem contra ela e sujeita à punição desse mesmo homem caso ela reaja à agressão. É uma situação completamente absurda, onde, os homens, além de dominarem o espaço da política, tentam a todo custo se impor contra as mulheres de todas as maneiras, falando alto, gritando, sussurrando violências em seus ouvidos, para que as mulheres ouçam o tempo todo a interpretação erótica que os homens produzem sobre elas, a partir de mentes e ações violadoras.

Outro exemplo da manifestação sonora de homens no espaço público, em oposição à não manifestação ou pouca manifestação das mulheres nesses espaços é a produção de som através de meios eletrônicos. São frequentes festas com som alto durante toda a madrugada em bairros residenciais, carros com sons potentes transitando pelas ruas, grupos de jovens homens nas ruas com aparelhos de som em alto volume. Essas manifestações sonoras, de som extremamente alto

difícilmente são resultados de acordos coletivos em relação ao uso do espaço sonoro. Ao contrário, é muito comum ver homens se impondo no espaço sonoro, simplesmente porque querem. São como crianças mimadas que nunca se tornaram adultos e acham que o mundo e seus recursos estão ao seu dispor de forma constante e ininterrupta.

O contexto que solidifica a dominação sonora dos homens sob as mulheres nos regimes patriarcais é o fato de que, nesses regimes, homens tomam decisões sobre o coletivo e mulheres não ou então em mínima escala. A fala é um dos principais meios através do qual decisões coletivas são tomadas, em especial a fala assertiva. A fala que duvida é também um importante elemento em processos de diálogo, já que, abre para a reflexão. Porém, esta é menos vista na maioria dos regimes políticos ocidentais. Grande parte dos regimes políticos recentes na história ocidental - monarquias, ditaduras, democracias representativas e todos esses, permeados por guerras - vem valorizando a fala assertiva como instrumento de posicionamento político, quando esta também não vem aliada à desrespeitos e agressões. Nem a fala que duvida e nem a fala assertiva das mulheres estão presentes nos processos de tomada de decisão sobre o coletivo, já que as mulheres estão estruturalmente fora desses espaços, ou seja, há exceções ao longo da história, assim como um panorama de incipiente transformação dessa situação atualmente, em alguns poucos países, porém, as exceções não são a regra. A fala das mulheres é tomada como menor, inferior. Assim como suas ideias, concepções e argumentos sobre a realidade, suas estratégias, planejamentos e cálculos sobre os rumos coletivos. A questão é: por que a fala das mulheres vem sendo desvalorizada historicamente? Questão que as teorias feministas vem se dedicando há décadas a investigar.

Homens não estão dispostos a ouvir as mulheres, quem dirá seguir regras e leis elaboradas por mulheres. Homens, na grande maioria das situações, desconsideram a fala das mulheres, além de muitas vezes ridicularizá-las e classificadas de forma negativa. Para os homens, a fala das mulheres sempre parece carecer de consistência. Quando muito, associam a fala das mulheres à sentimentalismo, poesia romântica, confissões, diários, sempre no nível do privado, do abstrato, do desabafo, da fantasia. No nível da palavra falada, homens frequentemente associam a fala das mulheres à “fofoca”, que seria a reprodução de boatos sem consistência. Homens supõe que as mulheres estão fora do âmbito analítico e crítico do pensamento, relegando-as ao plano da decoração no plano dos valores sociais. No patriarcado a fala da mulher é tomada como fantasiosa, descolada da realidade ou ainda, de tal forma absorta na realidade, conferindo-lhe aspecto emocional, que não conseguiria separar-se dela com o objetivo de analisá-la. O início da ciência, inclusive, o que perdura fortemente até os dias de hoje, defendia a possibilidade de uma neutralidade analítica. Foram as teorias feministas que apontaram que essa suposta neutralidade era coincidentemente colocada em prática majoritariamente por homens. E quando mulheres começaram a questionar essas práticas, foram acusadas de ideologizarem a ciência. Ou seja, o parâmetro de universal e neutro seria o homem. A mulher seria o “específico”, o olhar parcial sobre a realidade. Há muito tempo tenta-se convencer as mulheres de que elas não são capazes suficiente de refletir seriamente sobre a realidade, muito menos de colocarem suas falas em público, quem dirá em alto e bom som.

Refletir sobre a produção de som e fala é refletir sobre o patriarcado.

2. Homens ocupam espaço físico no patriarcado

Uma das características dos regimes patriarcais é que homens ocupam espaço físico em área muito maior ao espaço que as mulheres ocupam, em especial os espaços compartilhados entre homens e mulheres. Não apenas em tamanho, ou seja, metros quadrados, em quantidade de espaço, mas, também, em relação à importância atribuída à determinados espaços. Nos espaços considerados de importância coletiva, em especial aqueles onde se tomam decisões importantes relativas ao andamento da sociedade, há a presença de mais homens e de menos mulheres. E ainda, a presença de mulheres nesses espaços muitas vezes é uma presença considerada de importância secundária, de manutenção do espaço, porém, não de participação ativa nas funções que justificam a existência daquele espaço. Alguns exemplos de espaços com essas características: tribunais, congressos, salas de reuniões de chefia, conselhos máximos de decisão, e outros. Já aqueles espaços ocupados mais por homens e menos por mulheres, alguns exemplos são as ruas públicas, espaços públicos ao ar livre e as praças.

Um dos contextos mais gritantes sobre a questão da ocupação dos espaços por homens e mulheres na sociedade brasileira atual é aquele existente nos transportes coletivos: ônibus, metrô, trens e daí para a observação daqueles espaços onde homens e mulheres estão sentados no mesmo espaço: mesas de refeição, assentos em rodoviárias, sofás de casa, carros, filas de pessoas sentadas, e assim por diante. É fato: a maioria dos homens senta de pernas abertas e a maioria das mulheres senta de pernas fechadas. Tendo em vista que os assentos existentes nesses espaços, são, na sua maioria padronizados e do mesmo tamanho e cada vez mais, menores e mais estreitos – seguindo os valores capitalistas de aglutinar grande quantidade de pessoas nos mesmos espaços ao mesmo tempo que o espaço destinado à cada pessoa é cada vez menor - essa situação implica diretamente no fato de que homens, além de ocuparem o seu próprio espaço, ocupam também o espaço da mulher ao lado. Na luta pelo conforto e pela ampliação do território individual, os homens se impõem. Quando há dois homens sentados um ao lado do outro é menos comum que eles sentem de pernas abertas, apesar de que, quando ocorre, um dos homens se coloca como dominante e toma o espaço do outro homem. Observa-se então, que homens tomam o espaço alheio para si. Ao mesmo tempo, mulheres, na maioria das vezes, ficam com um espaço menor. Não parece haver preocupação da maioria dos homens com o fato de que as mulheres, na prática, estão tendo acesso a menos espaço do que eles. Questionar isso seria questionar o seu próprio privilégio abrindo a possibilidade de uma possível perda dessa privilégio.

Quando se adentra um transporte coletivo é comum que haja um homem sentado com as pernas bem abertas e esparramadas e ao seu lado haja um banco vazio. Apesar do fato de que outras pessoas estão entrando esse mesmo espaço ou mesmo que haja pessoas em pé, esse homem não fecha as pernas liberando o assento ao lado. Ao contrário, ele continua acomodado à sua maneira, pouco se importando se a pessoa que sentar ao seu lado terá menos espaço que ele. Importante lembrar que não estou falando de pessoas cujos corpos ultrapassam o tamanho dos assentos - de forma que inevitavelmente tem que ocupar espaço para além de seu próprio assento – em especial nos dias atuais onde os assentos estão ficando de fato menores, e isso ocorre tanto com homens como com mulheres. Estou falando da posição das pernas e braços dos homens ao sentar em espaços compartilhados. A grande maioria dos homens abre as pernas de tal modo que ocupa o espaço da pessoa sentada ao seu lado, obrigando inclusive que a pessoa ao seu lado feche as pernas, já que, é impossível que duas pessoas sentem com as pernas abertas uma ao lado da outra, na maioria dos assentos coletivos atuais. Alguém tem que sair perdendo e esse alguém, geralmente, é a mulher. Os braços também se colocam abertos, de tal modo que os cotovelos ocupam também o espaço da pessoa ao lado. Importante lembrar que essas posições não apenas diminuem o espaço

das mulheres como também promove contato entre os corpos, ou seja, os homens ampliam seu próprio espaço de forma a tocarem os corpos das mulheres, seja se esfregando nelas com as pernas ou cutucando-as com os cotovelos, de forma incômoda e agressiva.

A grande maioria das mulheres, em uma situação como a descrita acima, evita reivindicar o seu espaço, no momento do confronto silencioso, com o objetivo de evitar retaliações e posteriores violências por parte dos homens. São comuns situações onde a mulher, ao reivindicar seu espaço para o homem ao seu lado, tem como resposta agressões verbais e persistência do homem na invasão do espaço, ainda mais incisiva. Não é apenas nessa situação onde podem ser observados homens cometendo uma segunda violência contra mulheres que reagiram/questionaram a primeira violência. Essa reação dos homens é comum em várias situações cotidianas.

A grande maioria dos homens é folgado. Eles se acham no direito de, além de ter garantido um espaço para si nos espaços compartilhados, ter também o espaço destinado à outras pessoas e aqueles destinados às mulheres. Essa situação descrita nos transportes e nos espaços de assento coletivo, está tão naturalizada, não apenas no Brasil, mas, em vários outros países, que os homens realmente se acham no direito de continuar realizando a manutenção dessa situação e quando questionados, se tornam agressivos.

A situação relacionada à assentos compartilhados é apenas um exemplo em relação ao uso dos espaços públicos e coletivos, útil para pensarmos sobre todos os espaços de natureza pública, coletiva, compartilhada. Quando observamos a utilização das ruas no período noturno e também de muitas praças em qualquer período, constata-se que a maioria das pessoas presentes nesses espaços são homens. A maioria das vezes em que mulheres se encontram nesses espaços são em grupos compostos de homens e mulheres. Grupos de mulheres, sem a presença de homens, é menos comum, ao passo que grupos apenas de homens é mais comum. É comum nas cidades do interior do Brasil encontrar homens aposentados reunidos em praças. Eles jogam xadrez, leem jornal ou simplesmente ficam em grupo, conversando ou em silêncio, observando o movimento, enfim, estando ao ar livre. A mesma situação para mulheres aposentadas não existe, apesar de haver situações onde mulheres muitas vezes ocupam praças em grupos apenas de mulheres, afinal, estamos falando de um país continental, impossível realizar uma análise única para um país tão grande como o Brasil. Sobre as ruas, o período noturno é tido como um período de perigo para as mulheres, já que esse período tem menor circulação de pessoas nas ruas, e, conseqüentemente, menos mulheres. Com menos mulheres nas ruas esse espaço se torna um possível local de estupro. E quem comete o estupro são justamente os homens. E são justamente os homens que circulam nas ruas no período noturno. Estupro, esse crime tão pouco questionado por partes das autoridades e governos. Obviamente que esse debate é realizado de forma mais consistente quando pensadas também as questões de raça/etnia e classe social. Em geral, a circulação de homens pelas ruas é também restrita à espaços onde há maioria de pessoas da mesma classe social e etnia desse homem, sendo os centros urbanos, em geral, de maior mobilidade dessas fronteiras. Por outro lado, as mulheres, de todas as etnias e classes, em geral tem mobilidade mais reduzida, seja em espaços, seja em quantidade de períodos do dia.

O patriarcado é definido pelo fato de que mulheres não estão ou estão em menor número nos espaços de tomada de decisão relativas ao coletivo. Em termos de ocupação de espaço, essas duas questões se ligam diretamente. Pois, tomar decisão implica em ocupar os mesmos espaços coletivos ao mesmo tempo, ou então compartilhar e conectar espaços, no caso, por exemplo, de reuniões e conferências à distância, via internet. O patriarcado expande a situação de homens ocupando espaços de tomada de decisão para homens em todos os espaços. Mulheres estão menos (ou não estão) nos espaços de tomada de decisão coletiva, como, estão menos (ou não estão) em vários

espaços coletivos. A associação desses dois elementos gera situações onde mesmo em espaços onde não há processos formais de tomada de decisão (reuniões coletivas para esse fim), os homens se sentem no direito de decidir pelas mulheres nesses espaços, onde eles também estão em maior número ou com maior frequência. O estupro nada mais é do que o homem se sentindo no direito de decidir pelo corpo de outra pessoa, no caso a mulher, sem que haja debate ou consentimento mútuo sobre a ação – uma das características de uma relação de violência é justamente esta - quando ambos estão em espaço compartilhado, seja esse espaço público ou privado. O patriarcado é o regime onde os homens decidem pelos homens e pelas mulheres. As mulheres não tomam decisões referentes ao coletivo no patriarcado. Sendo ela própria, parte do coletivo, a conclusão lógica é que a mulher não decide por si, nas decisões e contextos referentes à regras coletivas. Existem, obviamente, contextos, situações e espaços que fogem à regra, à estrutura. São em geral, esses espaços, sementes para transformações estruturais. Podemos observar em alguns países atualmente a ocupação crescente de mulheres dos espaços da política representativa, por exemplo, mas, é importante observar que são processos muito recentes na história milenar do patriarcado.

No caso do estupro e qualquer assédio sexual, o fato mais gritante é que o próprio corpo da mulher se torna público, aos olhos da maioria dos homens. Seja para ser observado, tocado, invadido. Ou seja, não basta a mulher ter menos ou não ter acesso aos espaços públicos e compartilhados, como, também, passa a não ter direito sequer sobre seu próprio corpo, ele mesmo passa a ser visto como um território do homem. Os corpos das mulheres não são território dos homens, isso deveria ser óbvio, mas, a prática demonstra o oposto.

Concluindo, tomada de decisão e ocupação espacial estão intimamente ligados. Espaços compartilhados pertencem à todas as pessoas. Logo, homens devem respeitar, parando de ocupar os espaços das mulheres para que as mulheres possam ter espaço!

3. Homens observam mulheres

Já foi dito nos ensaios anteriores que tanto o espaço sonoro como o espaço físico é dominado pelos homens na sociedade patriarcal, em especial a brasileira, exemplo utilizado nessas reflexões. A partir dessa constatação, a observação dos espaços compartilhados entre homens e mulheres, sejam eles de domínio público ou privado torna-se mais acurada.

A mulher na sociedade brasileira - na esmagadora maioria dos espaços e situações - é observada pelos homens de forma constante. Essa observação se dá eminentemente a partir da perspectiva do erótico. Homens analisam o corpo das mulheres ao seu redor a partir do seu próprio desejo sobre elas. Ironicamente enxergam a fonte do desejo não no seu próprio desejo e atitude perante a realidade, mas, no corpo da mulher. Essa ideia está presente aliás em várias das grandes religiões, a ideia de que o corpo da mulher é fonte de desejo. Tal ideia vem se disseminando de tal forma nos últimos milênios nas sociedades patriarcais que, muitas vezes - e isso ocorre com muita frequência no Brasil atualmente - a mulher vítima de violência sexual é classificada como culpada pela própria violência cometida contra si, já que, de acordo com o pensamento patriarcal, faria parte da responsabilidade da mulher o controle sobre aquilo que os homens classificam como eroticidade provocativa inerente ao corpo da mulher. Essa inerência provocaria o desejo do homem, sendo a responsabilidade desse desejo atribuída à mulher. É realmente um pensamento bastante mirabolante utilizado socialmente para justificar as violências dos homens contra as mulheres. Nesse sentido, os sistemas de dominação, sejam eles quais forem, sempre produzem justificativas que mantenham sua existência protegida. Essas justificativas são utilizadas em larga escala, cotidianamente, por aqueles que estão nas posições de domínio e muitas vezes por aqueles que estão em situação de subordinação. Estes últimos acabam por reproduzir os mesmos argumentos que seus dominadores, após longo, complexo e constante processo de manipulação. Obviamente que a realidade não é preto no branco e infinitas nuances estão presentes nesses processos, inclusive aquelas que produzem condições de transformação dessas realidades de dominação e manipulação. Pessoas tem agência e transformam as situações. Por essa razão, os sistemas de dominação se adaptam e muitas vezes, tentam cooptar essas transformações, incorporando-as ao seu próprio modo de forma a neutralizar a capacidade de mudança das estruturas que inicialmente existia.

Voltando à questão da observação. Mulheres no patriarcado, em especial no Brasil, não apenas existem como não-sujeitos políticos dentro da ótica dominante de interpretação, ótica esta diluída no cotidiano de todos, como, ao mesmo tempo, são tratadas como seres dotados de eroticidade constante e, importante lembrar, um eroticidade a serviço dos homens e construída a partir de suas próprias interpretações sobre os corpos das mulheres. É a prisão patriarcal do erótico e da desvalorização do caráter político da mulher. Essa situação resulta em um cotidiano de extrema violência para todas as mulheres. Desde ao nascer estão sujeitas à estupro e abusos sexuais do mais diversos, por sua condição de serem mulheres e por esta condição estar impregnada de interpretações sobre esta condição que a colocam no espaço do invadível, do erotizado, do passível de violação, controle, dominação. O período da infância para as mulheres no Brasil é dos mais desesperadores, pois, estão sujeitas à violências sexuais e ao mesmo tempo desprotegidas, por serem crianças, ou seja, ainda sem total capacidade de entendimento de que tais situações são violências. No Brasil, as estatísticas e cálculos sobre violência sexual apontam que aprox. metade das pessoas estuproadas no país - o que equivale a aprox. 250 mil - são crianças do sexo feminino, sendo os agressores homens adultos. A condição de observada e de ser erotizado pelos homens é um dos pilares que sustenta o patriarcado e a exploração dos corpos das mulheres. Esse contexto se dá para as mulheres desde bebês e o período da puberdade para as mulheres torna esse contexto ainda

mais agressivo nos espaços públicos. Crianças e adolescentes do sexo feminino são constantemente agredidas verbalmente com frases de teor sexual por homens estranhos. Os homens adultos em geral são os principais agressores. Nos espaços compartilhados entre homens e mulheres, homens observam as mulheres de forma erotizada o tempo todo e em qualquer situação, retirando a todo momento o caráter de sujeito e de sujeito político da mulher e substituindo-o por uma condição erotizada e na maioria das vezes, uma condição erotizada passiva. Nas ruas, nos espaços de trabalho, dentro das casas, em espaços de lazer, nas escolas, dentro de consultórios médicos, dentro de prisões. Os homens desrespeitam as mulheres o tempo todo.

Historicamente o patriarcado vem tentando retirar das mulheres sua condição de sujeitos políticos e, no lugar, classificando-as como seres eróticos. Esse contexto se aplica à todas as mulheres, sem exceção, lembrando das diferenças dessa classificação e tratamento em função de a mulher ser negra, branca, indígena, magra, gorda, com ou sem deficiência, rica, pobre, e assim por diante. Os próprios homens, justificando o contexto por eles mesmos criado e mantido, alegam ser da natureza das mulheres a eroticidade e falta de aptidão para a política. O patriarcado cria, o patriarcado mantém e o patriarcado justifica.

Mulheres são sujeitos e agem sobre a realidade. Mulheres são sujeitos políticos. Para uma sociedade sem violência contra as mulheres é urgente que as mulheres sejam respeitadas em todo e qualquer espaço. Erotizar mulheres com o olhar é violência, é reforço do patriarcado, é desvalorização e controle sobre corpos, é forçar uma intimidade que existe apenas nos olhos dos homens. Eroticidade se constrói em conjunto, é uma relação de parceria e não de imposição de valores e interpretações. Eroticidade e violência são campos opostos.

Em vista para um mundo sem violência contra a mulher é preciso que as interpretações sobre a mulher sejam transformadas.

Caderno de Textos Palavra e Meia n.1